

Mediação Tecnológica do Audiovisual Sob a Perspectiva da Educomunicação¹

Marciel Consani²
Isabela Rosa³

Resumo

O presente trabalho propõe uma reflexão sobre o uso e apropriação do audiovisual na educação formal, a partir de uma das vertentes do campo da educomunicação: a Mediação Tecnológica. A mediação educomunicativa, fundamentada em práticas de leitura crítica dos meios e também no uso das tecnologias da comunicação, contribui para a contextualização do audiovisual nos processos pedagógicos, buscando explorar ao máximo suas possíveis contribuições na formação da atitude política consciente e cidadã dos jovens sujeitos. Nosso relato trata de vivências baseadas na leitura e debate de mídia audiovisual, realizadas com alunos do Ensino Fundamental II do Colégio João Friaça (Embu Guaçu/SP); cuja mediação ressaltou a importância da temática envolvendo política e cidadania na vida cotidiana.

Palavras-chave

educomunicação; mediação tecnológica; audiovisual; cidadania; política.

Podendo ser estudada por diferentes vertentes, a Educomunicação compreende também a área Mediação Tecnológica, que traz reflexões sobre a presença das tecnologias da informação, assim como suas múltiplas possibilidades de uso, garantindo não só seu acesso a esses meios, como também formas democráticas de sua gestão.

No caso da escola e da educação, a proposta não é subordinar-se às tecnologias (até mesmo ao deixar de ser discutidas por considerá-las secundárias ou optativas na formação de nossos alunos), mas, sim, dominá-las, como condição civilizatória, caso reconheçamos que seja indispensável que nossos alunos delas se apropriem para não serem por elas dominados. (SOARES, 2008, p.52)

É sobretudo na primeira metade do século XX que vemos a comunicação de fato evoluir mais rápido que o nosso poder de criticidade e reflexão diante delas. É nesse período também que conhecemos não só nossas manifestações culturais transformadas em mercadoria, mas também discursos atrelados a lógica dominante. Nasce enfim, a Indústria Cultural, onde o sujeito é afastado da

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XVI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Docente da Licenciatura em Educomunicação da Escola de Comunicações e Artes da Eca USP

³ Aluna e bolsista de pesquisa da Licenciatura em Educomunicação do CCA-ECA da Universidade de São Paulo

produção de sua própria cultura, ficando a mercê das reproduções em massa, fazendo alusão a uma fábrica de ilusões. É o começo do espetáculo.

Porém, começaram a surgir o que hoje Soares (2014) chama de *vertentes da educomunicação*, sendo a *vertente moral* a primeira a aparecer, nos anos 1930, vinda de religiosos preocupados com os conteúdos dos meios de comunicação em massa. Desenvolviam atividades educativas sobretudo contra os perigos representados pelo cinema. Cabe lembrar que o cinema foi por muito tempo principal meio de comunicação e disseminador de discursos pró guerra. Portanto, uma leitura crítica da narrativa do filme era necessária.

Tempo depois, surgiu a segunda vertente, a *cultural*, que admite que uma criança ou jovem que tenha acesso a informações sobre a mídia ficará imune a seus excessos, especialmente os que exercem efeitos psicológicos sob sua formação. Envolvidos na temática, pediatras e psicólogos dos Estados Unidos, contribuíram para o avanço das discussões levando o “Senado a financiar a produção e distribuição de manuais sobre Media Literacy a professores de língua inglesa, em todo o país. O que caracteriza esta vertente é seu foco na relação dos educandos com os meios de comunicação e as novas tecnologias ou, simplesmente, com a mídia. Esta é a razão pela qual esta maneira de trabalhar o tema ganha denominações como Educación para los Medios, na Espanha; Educação para os Medias, em Portugal e Mídiaeducação, no Brasil.” (SOARES, 2014, p.18)

Por fim, a *vertente midiática*, que caminhou para a surgimento da Educomunicação, está enraizada a luta por parte dos movimentos sociais pela universalização do direito a comunicação e o acesso à palavra.

O designativo “mediático” aponta para o reconhecimento alcançado pela Teoria das Mediações Culturais que assegura que todos estamos inseridos nos diferentes ecossistemas comunicativos que nos envolve, transitando entre as funções de emissores e de receptores de comunicação. No caso, a Educação para a Comunicação, aqui denominada como Educomunicação preocupa-se fundamentalmente com o fortalecimento da capacidade de expressão de crianças e jovens. Para que a meta seja alcançada, todas as formas de comunicação são objeto de análise, desde a interpessoal, a familiar, passando pela escolar, até chegar à midiática massiva. O que distingue este protocolo é sua intencionalidade:

valoriza a mídia e inclui sua análise e uso como procedimento metodológico, mas vai além dela em seus propósitos e metas. Opera por projetos, valorizando todas as formas de expressão, especialmente a artística, tendo como objetivo a ampliação do potencial comunicativo da comunidade educativa e de cada um de seus membros. No caso, professores e alunos são igualmente aprendizes e igualmente educadores. (SOARES, 2014, p. 18)

No que diz respeito a literacia digital/midiática, presente na vertente cultural, podemos dizer que está relacionada com a qualidade no sentido em que os cidadãos precisam ter para compreender criticamente os meios audiovisuais e criarem conteúdos originais, criativos e que respeitem os direitos individuais e sociais, a partir de uma cidadania ativa, sendo essencial para a construção e manutenção da democracia. Portanto, vai muito além do uso instrumental das tecnologias.

Sabemos, porém, que, mesmo nossa comunicação sendo feita quase integralmente pelas mídias digitais, a escola, não necessariamente reflete tais avanços tecnológicos. Segundo Consani (2014, p.103) é “fundamental que os profissionais da educação também sejam incluídos midiaticamente, uma vez que eles são o elo mais importante na efetivação das políticas públicas no meio escolar. [...] Reconhecer a necessidade e o direito ao protagonismo das crianças e jovens não é entregá-los à própria sorte dentro do processo de socialização que a escola proporciona: é compartilhar a responsabilidade pelo próprio desenvolvimento, não mais sob o signo da tutela, mas da parceria.”

Dentro da bordagem da Literacia Midiática, compreende-se a linguagem audiovisual como uma das mais importantes de se trabalhar junto aos professores que, não podem enxergar apenas como uma formação técnica, mas, sim como algo inerente ao seu fazer pedagógico. Portanto, é fundamental que a alfabetização esteja presente nos currículos da educação básica, assim como no ensino superior

Hoje, os professores, sabidos dessa quebra de hierarquia, onde os alunos já nascem em meios tecnológicos, demonstrando melhores manejos com eles, sentem a necessidade de se incluírem digitalmente, garantindo pelo menos o

acesso físico aos computadores. Mas só acesso ao computador não garante a qualidade da cidadania, é preciso porém que haja uma inclusão midiática.

[...] ainda que distribuíssemos um dispositivo conectado a cada ser humano do planeta, e lhes instruíssemos a usá-lo para conectar-se com o mundo, o mais provável é que todos eles continuassem limitados à sua órbita de interesses corriqueiros, sem operar nenhuma revolução global e informacional em prol de um mundo mais igualitário e sustentável. (Consani, 2014, p.102)

Cidadania e audiovisual: um relato de prática

3.a O projeto Imprensa Jovem e a educação para a cidadania do Colégio João Friaza

Para exemplificar uma ação, feita a partir da Mediação Tecnológica, acreditamos ser pertinente descrever uma prática, ainda em andamento, realizada com jovens estudantes de um colégio particular, localizado na região da grande São Paulo, na cidade de Embu Guaçu.

No Colégio João Friaza, escola particular de Ensino Fundamental I e Ensino Médio, os perfis dos estudantes são diversificados, assim como seus níveis socioeconômicos. A grande maioria dos 200 alunos são oriundos de escolas públicas da cidade. Seus princípios tomam como base a valorização do processo de ensino-aprendizagem, com o equilíbrio entre teoria e prática, priorizando a formação voltada a cidadania, a autonomia e a liberdade do estudante. E, é a partir dessa concepção de educação, visando uma formação cidadã que, em 2015 foi dado início ao projeto de educomunicação extracurricular *Imprensa Jovem CJF*, aberto a qualquer aluno interessado em participar.

O projeto *Imprensa Jovem CJF* foi criado para que servisse como um espaço de experimentações midiáticas, ao mesmo tempo que não abrisse mão de reflexões importantes sobre questões de cidadania, política e meios de comunicação.

Cabe salientar, porém, que mesmo antes do projeto *Imprensa Jovem* iniciar, em meados de agosto, a escola já possuía projetos ligados ao campo da comunicação e educação. Um exemplo dessa interface dos campos, garantida no currículo do Colégio, é a disciplina optativa de História de Cinema, oferecida aos

alunos do 9º ano e demais turmas do Ensino Médio. Com carga horária de 01 hora semanal, estudantes passam por um processo de entendimento sobre a linguagem cinematográfica: de Chaplin a diretores contemporâneos, são exibidos filmes, acompanhados de reflexões, que são importantes para a história do cinema, compreendendo seu contexto histórico e evolução técnica.

Contudo, é uma disciplina que não prevê produção alguma, limitando-se à análise de filmes longa e curta metragens. Mesmo assim, os alunos matriculados nessa disciplina acreditam ser ela a que mais se aproxima da cultura dos jovens, dialogando com suas práticas fora da escola. Hoje, ir ao cinema ou assistir filmes *on demand*, faz parte do cotidiano de milhares de pessoas. A cultura audiovisual está mais acessível, seja pelo avanço tecnológico, seja pela ascensão da classe média brasileira da última década.

É por essa razão, a de não estar desconexa a realidade dos alunos, é que a equipe gestora entendeu ser necessário um espaço que desse abertura para a criação audiovisual dos alunos, a partir da educomunicação e com a presença de uma mediadora, responsável pelos encontros reflexivos e propostas de atividades ao grupo. Grupo este formado inicialmente por 27 estudantes, divididos em duas turmas que se reúnem semanalmente em horários distintos: alunos do Fund. I, com idade entre 11 e 14 anos, maioria na Imprensa Jovem e, alunos do Ens. Médio, sobretudo do 2º ano.



Identidade Visual do Projeto

3.b. Descrição da Intervenção

A Imprensa Jovem é organizada da seguinte maneira: às segundas-feiras, no período vespertino, o encontro é realizado com estudantes do 9º ano e Ensino Médio. Já nas quintas-feiras, são os alunos do 6º, 7º e 8º ano, que se reúnem pela manhã, antes do horário da aula. Cada encontro dura aproximadamente duas horas. E, mesmo cada qual com sua própria dinâmica e ritmo, ambas turmas se conectam por uma produção. A primeira a ser realizada foi uma edição experimental do CJF INFORMA, um boletim produzido à muitas mãos, resultado de uma primeira etapa do Projeto, que visou sobretudo a criação de laços entre alunos e a concepção do projeto.

A compreensão da Imprensa Jovem pelos participantes do projeto, parte inevitavelmente pela premissa de que a comunicação é um direito alienável do ser humano. Na prática:

[...] o direito humano à comunicação significa que todas as pessoas devem poder e ter condições para se expressar livremente, ser produtoras de informação, fazer circular essas manifestações, sejam elas opiniões ou produções culturais. Portanto, não basta ter liberdade de expressão ou acesso a uma vasta gama de fontes de informações. É preciso que Estado e sociedade adotem medidas para garantir que todos e todas possam exercer esse direito plenamente. *(Intervozes, extraído do artigo “Comunicação também é direito humano fundamental”, publicado em seu blog do site da Carta Capital)*

Dada essa primeira fase introdutória do projeto, iniciou-se em seguida uma etapa com intuito de trabalhar a questão da democratização dos meios de comunicação, focando no acesso às tecnologias de Informação, sobretudo ao *Youtube*, entendida aqui como uma das ferramentas aliadas no exercício da cidadania. Salientamos que não usar o cinema nesse fase do projeto foi por compreendermos o *Youtube* como uma mídia mais acessível do cotidiano estudantil.

Como primeira etapa, fizemos um levantamento sobre os principais canais acessados pelos jovens, e quais eram os “*youtubers*” que eles seguiam nas redes sociais. Nomes como Kéfera Buchmann, do canal *5 minutos*, com 6,1 milhões de pessoas inscritas; Bianca Andrade, do canal *Boca Rosa*, com 1.5 milhões de inscritos; NiinaSecrets, com quase 1,4 milhões de seguidores; *Canal Nostalgia*,

com 4,6 inscrições; Christian Figueiredo, com 2,0 milhões; Julio Concielo, do Canal Canalha; Manual do Mundo, com 4 milhões, entre outros.

A partir dessas referências e, usando-as para exemplificações, uma roda de conversa foi feita a partir dessa temática. A mediadora, portanto, esperava conhecer mais os gostos dos jovens, assim como saber o que os motivava a assistir/seguir tais canais.

A questão chave da discussão foi sobre os *youtubers*, fenômeno de uma geração de jovens que gosta de se comunicar através de vídeos, falando sobre os mais diversos assuntos: música, games, receitas e tutoriais. Os *youtubers*, que antes eram conhecidos como vlogueiros, hoje conseguem monetizar suas visualizações e se tornaram celebridades no mundo todo.

Para os jovens da Imprensa Jovem, qualquer um pode ser um *youtuber*, basta, como uma das alunas destacou, “equipamentos, força de vontade e disciplina”. Para eles, é muito fácil e acessível ter um canal no *Youtube*, mas infelizmente, nem todos possuem tecnologia para tal. Pois, mesmo cientes da importância do celular, sabem que elementos como áudio e iluminação são essenciais para a qualidade da produção.

Eles citaram também que, para ser um *youtuber* de sucesso é preciso possuir, além de um conteúdo bom, um nome de canal que seja atraente, além do nome do vídeo, que facilite sua busca na internet. Percebe-se aqui uma compreensão bastante significativa a respeito da linguagem para esses meios, sinalizando uma noção de estética exigente, mesmo que as vezes seja sutil.

A conversa seguiu com a turma fazendo análises de conteúdo de alguns vídeos selecionados, dentre eles os chamados “Daily Vlog”, muito com entre os *youtubers* que os jovens acompanham. Eles gravam a hora de acordar, café da manhã, ida ao banheiro, refeições, trajeto da escola, trabalho, etc. É a intimidade exposta a milhões de pessoas, criando uma proximidade entre internauta e *youtuber*. Não é de se espantar que tais seguidores virem completos fãs.

“Imagine 10 milhões de pessoas seguindo seu canal?” uma jovem disse durante a roda. Para ela, é natural que os *youtubers* fiquem famosos e tenham fãs.

Para eles, é a grande a identificação com os conteúdos abordados nos canais. Temas de humor e dilemas da adolescência são corriqueiros entre os vídeos mais acessados. Mesmo quem ainda é criança, como alguns do grupo, com 10 anos de idade, acessam conteúdos no *Youtube* que não necessariamente condiz com a fase deles. “Muitos falam palavrões”, disse uma das meninas.

Ao final da roda de conversa foi proposto um desafio: que eles, a partir das referências e, o que eles acreditam ser relevante para o internauta, criassem seus próprios vídeos como *youtubers*. A temática, assim como o formato e duração, era livre, sem qualquer intervenção da mediadora. Contudo, teriam poucos dias para produção, gravação, edição e upload no canal da Imprensa Jovem no Youtube, criado por um aluno, justamente para essa atividade.

Bem animadas com a proposta, três alunas do projeto criaram um vídeo, de aproximadamente 12 min, com a TAG (desafio) “melhores amigas”. O vídeo consiste basicamente entre 3 amigas que fazem perguntas uma para as outras, com o intuito de testarem o nível de conhecimento uma das outras. Perguntas como “qual é minha música favorita?”, ou “como nos conhecemos?”, pautaram a gravação. Quem errasse, tomaria torta na cara.

A etapa seguinte, se dará posteriormente à redação desse relato, mas trata-se de analisar entre eles os vídeos postados, no quesito técnica, relevância do tema escolhidos por eles. E a partir disso, então, início a um processo de desconstrução estética e experimentações em outras produções, voltadas mais para temas ligados a cidadania e política, dialogando também com conteúdos estudados nas demais disciplinas.

3.c. Cultura da participação midiática: algumas impressões

São muitos os destaques que poderíamos levantar nesse processo, mas algumas impressões podemos ressaltar, como:

- *O Internet como um espaço democrático de participação e cidadania*, e como um direito de cada um ao acesso a essa tecnologia, que é aberta e sem censura, portanto eles podem falar o que quiserem.
- *O Youtube compreendido por eles como uma rede social*, acessada diariamente, muitas vezes ao dia. Mesmo assim, ela não se iguala no nível

de envolvimento como o Facebook. Os jovens afirmam não usar as ferramentas de compartilhamento, nem a opção curtir, ao final do vídeo.

- *A noção da técnica e estética*, que faz com que eles classifiquem um vídeo sendo bom ou ruim.

- *A vontade de ser youtuber*, confirmada entre três alunos, entre os 10 presentes na roda. Eles enxergam o canal do youtube não apenas uma forma de expressão mas sobretudo uma futura chance profissional.

- *A escola afastada dessa realidade*, fazendo com o que o aluno entre em contato com conteúdos pelo *Youtube*, que muitas vezes são encarados como tabu dentro do ambiente escolar. Mesmo assim, os jovens afirmam separar o que é conteúdo educativo de diversão. Para eles, o *Youtube* não serve para eles terem aulas, pois os vídeos além de longos, são massantes. Para isso, preferem o contato com o professor dentro da sala de aula.

- *Uma reprodução do formato já conhecido*, percebido no vídeo produzido pelos alunos. O formato, assim como a edição segue os moldes da maioria dos vídeos populares do Youtube, com uma linguagem mais informal e temática trivial.

Referências bibliográficas

CONSANI, M. A. Mediação Tecnológica na Educação: Conceito e Aplicações. Tese de Doutorado apresentada ao CCA-ECA/USP para a obtenção do título de Doutor em Ciência da Comunicação. São Paulo: USP, 2008.

_____. Estratégias e materiais para formação e acompanhamento no uso das mídias dentro do Projeto UCA (Um Computador por Aluno). Relatório de Pesquisa Científica em nível de Pós Doutorado, apresentado a Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2014.

MARTINS, Helena. Comunicação também é direito humano fundamental. Carta Capital. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/blogs/intervozes/comunicacao-tambem-e-direito-humano-fundamental-7938.html>. Acesso em 27 out. 2015.

SOARES, Ismar de Oliveira. Informação e Comunicação: uma proposta educomunicativa para a escola integral (e a todas as demais), em Educação digital e tecnologias da informação e da comunicação. 2008. disponível em: <http://cdnbi.tvescola.org.br/resources/VMSResources/contents/document/publicationsSeries/173815Edu-digital.pdf>

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio. São Paulo: Paulinas, 2011; SOARES,

_____. Educomunicação: um campo de mediações, em Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento/Adílson Citelli, Maria C. C. Costa (organizadores). São Paulo: Paulinas, 2011.

_____. Educomunicação e Educação Midiática: vertentes históricas de aproximação entre Comunicação e Educação. 2014.